



ANA PAULA SILVA DOS SANTOS RAMALHO
IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

DIDÁTICA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL



**ANA PAULA SILVA DOS SANTOS RAMALHO
IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA**

**DIDÁTICA DA LITERATURA
INFANTOJUVENIL:
ESTRATÉGIA DE ENSINO
E APRENDIZAGEM PARA
ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

São Mateus

2025

Didática da literatura infantojuvenil: Estratégia de ensino e aprendizagem para estudantes do ensino fundamental © 2025, Ana Paula Silva dos Santos Ramalho e Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Orientadora: Prof.^a Doutora Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC.

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing.

Diagramação: Ilvan Filho.

DOI: 10.29327/5716384

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R166d

Ramalho, Ana Paula Silva dos Santos.

Didática da literatura infantojuvenil: Estratégia de ensino e aprendizagem para estudantes do ensino fundamental / Ana Paula Silva dos Santos Ramalho, Ivana Esteves Passos de Oliveira.

São Mateus, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2025.

40 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-65-6013-172-9

1. Leitura e literatura – Ensino fundamental. 2. Estratégias de ensino e aprendizagem. I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de. II. Título.

CDD – 372.64



SUMÁRIO

Apresentação	05
A literatura infantojuvenil e seu impacto na formação da estrutura personológica infantil	11
Didática da literatura infantojuvenil	14
Estratégia de ensino e aprendizagem de literatura infantojuvenil para estudantes do ensino fundamental	26
Conclusão	35
Referências	37
As autoras	39



APRESENTAÇÃO

A Literatura Infantojuvenil é um elemento didático, componente da disciplina de Literatura e que, vem sendo inserida na educação formal, em especial na educação infantil (pré-escolar de 4 e 5 anos), nos anos iniciais e finais do ensino fundamental de 9 anos (1º ao 9º ano). A sua trajetória na educação formal é recente e, como sói natural de ser, é conturbada, porque é a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996), quando esta apresenta, especificamente, normas e diretrizes para a execução pedagógica da educação infantil que se aventa a necessidade de um currículo específico elaborado para esta etapa da construção personológica humana.





Em 2009, com a aprovação da Emenda constitucional n.59, que torna a modalidade pré-escolar como parte do ensino fundamental, mais uma vez põe-se a mesa a necessidade de elaborar-se um currículo que atenda a este grupo e aí, inclui-se atividades pedagógicas e não didáticas, o que, por si só, já produz uma situação de conflito na determinação conceitual, em que se faz necessário esclarecer a dimensão de cada uma delas dentro do espectro educativo, destacando este grupo como objeto-alvo específico de análise e entendimento técnico.

Um desafio apresentado é o de fazer com que a Literatura Infantojuvenil seja vista e reconhecida como um elemento pedagógico independente da Literatura, esta a qual possui seu escopo pedagógico; porém, vincula-se a ela a condição didática, ou seja, pode ser submetida a critérios diagnósticos através de avaliações, situação esta que não se aplica a outra, porque o seu interesse não o é de que o indivíduo revele seus sentimentos, sabedores que se é acerca do desenvolvimento neurológico infantil e pré-adolescente.

Esta subjetividade que deve ser auferida à Literatura Infantojuvenil é no intuito de torná-la uma disciplina independente e, quiçá, uma ciência independente, a partir do que adotaria para si diretrizes próprias, estabelecendo seus próprios conceitos acerca do que seja ela própria, um conceito acerca de seu ensino e de sua aprendizagem; um conceito acerca do que interpreta como sendo o homem e suas nuances epistêmicas, com todo o seu processo desenvolvimental filogenético e ontogenético; um conceito acerca do que considera como ação pedagógica e ação didática; um conceito particular de mundo; um conceito particular de infância e pré-adolescência; uma metodologia própria de ensino e métodos próprios de investigação, coleta de dados e de interpretação dos resultados oriundos de suas buscas e descobertas científicas.



Estas propostas de ação vinculadas à Literatura Infantojuvenil tornam-se conjecturas, porque nem mesmo a Literatura é considerada uma disciplina autônoma, estando vinculada [para não dizer subordinada] à língua que representa e isto impede que ocupe um espaço de valor reconhecido no currículo oficial. Agrega a esta problemática, a condição de que até o momento ainda não se desenvolveu um currículo oficial para a Educação Infantil, em que se apresentariam condições adequadas de metodologias e estratégias didáticas e pedagógicas, fundamentadas em estudos científicos validados empiricamente.

O que se observa é que, a condição de novidade que representa a educação infantil na sociedade [em especial, na brasileira] faz com que elementos a ela vinculados, de maneira direta, sejam tratados de forma marginal, não recebendo a devida atenção de profissionais e de cientistas da educação, havendo uma abordagem mais ampla por parte das ciências psicológicas, a destacar a Psicanálise. Porém, isto não se mostra com potencial suficiente para romper com as barreiras que se mantêm entre o objeto-alvo de interferência, a criança e o pré-adolescente e a práxis pedagógica acerca do tema.

A Psicanálise, através do pioneirismo de Bruno Bettelheim (1903-1980) adentrou o mundo das histórias fantásticas infantis e, desbravou as construções simbólicas presentes nas mesmas, criando uma possibilidade de compreensão sobre como as crianças processam e assimilam, de maneira simbólica, os elementos conflituosos [humanos, demasiado humanos] que se encontram presentes nelas através das contextualizações intrínsecas inconscientes. Após a publicação da obra *A Psicanálise dos contos de fadas* (1976), outras obras surgiram; mas, não por uma gama considerável de autores e neste reduzido campo, cita-se Mary-Louise Von Franz (1915-1998), cuja orientação terapêutica divergia de



Bettelheim, por ser discípula de Carl Gustav Jung (1875-1961) e os brasileiros sul rio-grandenses Mário Corso e Diana Lichtenstein Corso. Isto coloca meio século de investigações, discussões e publicações nas mãos de quatro cientistas.

O ensino da Literatura Infantojuvenil, assim como todo e qualquer componente didático deve respeitar a psicologia do objeto, o que revela que não se trata de criar uma metodologia a partir do que se considera aprazível e aplicar de maneira desordenada sobre os estudantes exigindo que aprendam e demonstrem a aprendizagem através de resultados diretos em avaliações criadas a partir de modelos positivistas e cartesianos. Isto quer dizer que, antes de se pensar no desenvolvimento de uma estratégia didática há que conhecer a fundo os estágios desenvolvimentais neurológicos do público-alvo e suas nuances pedagógicas, psicopedagógicas, psicológicas e cognitivas.

Um ponto a ser considerado no que se refere à educação infantil foi que o Estado, através da EC59/2009, literalmente sequestrou aos pais os seus filhos e, o simples fato de enviá-los às escolas, para serem atendidos por estranhos, não provocou qualquer alteração biológica em seus sistemas; com isto, querendo esclarecer que, suas necessidades mais prementes continuam a fazer parte de suas existências, a destacar, ouvir histórias para poder dormir e, estranhamente, não se trata de, simplesmente, ouvi-las; há que ver os professores lendo-as em papel.

Esta condição especial de relação afetiva que existe entre a mãe e a criança é algo que, por mais estranho que possa ser ao referenciar-se a ele, em um texto científico, não pode ser transportado para a escola e muito menos ser tratada como um sucedâneo com fins de substituir a condição fusional primitiva filogenética que leva ao aperfeiçoamento da literatura infantojuvenil.



Esta situação é aqui aportada, pelo fato de que uma metodologia eficiente para o ensino da matéria em questão haverá de ser produzida a partir da experiência, da relação direta dos contos, das histórias, dos textos e do comportamento observado, em que se aproxima, cada vez mais, através da heurística, de uma proposta didática que contemple a criança, de maneira a que internalize as dimensões psicológicas que a literatura infantojuvenil oferece como parte de seu escopo humanístico.

Isto não quer dizer que, na escola, os professores devam criar uma atmosfera domiciliar para que possam atingir os seus objetivos com a proposta didática de ensino e aprendizagem da matéria. A intenção é que se conduza a criança a um estado de aproximação com a segurança que experimenta em seu lar, partindo de uma análise a partir da psicologia do objeto, uma vez que nada ainda foi proposto de forma contundente e objetivo neste sentido. Tudo o que se tem posto são conjecturas que não se sustentam desde o ponto de vista pedagógico e, com isto, tem-se provocado um distanciamento das crianças em relação à leitura, esta que, estritamente, representa o elemento mediador entre a criança e o mundo da imaginação que tem propriedades para construir.

Quando se comete o erro pedagógico de fazer crer, à força, que o professor é um mediador, todo o entendimento se torna uma concepção ridícula e inepta, porque a literatura não possui o caráter positivista de ensino e a criança a capacidade de abstrair ao ponto de compreender e de formar laços epistemológicos de forma consciente. Estas construções psíquicas nos quais se envolve o estudante e o conto, com toda a sua possibilidade imagética e de re-construção não pode ser mensurada através de instrumentos matemáticos, capazes de dar a justa medida do que aprendeu, apreendeu, assimilou e acomodou.



Por este motivo que, ao se pensar estratégias metodológicas a serem aplicadas aos estudantes do ensino fundamental II, há que conhecer a psicologia do objeto e, a partir de seu entendimento elaborar as ações sobre as quais se espera a melhor resposta do objeto observada através de seu desenvolvimento intelectual e cognitivo. Por se tratar de um assunto tão complexo e profundo, não se pode deixar-se levar por uma lógica cartesiana em que uma coisa induz outra em um continuum, sem determinar as inferências externas que provocam avanços e impactos sobre a aprendizagem do tema.

Ocorre, ainda, que quando se aborda a literatura infantojuvenil, falar em aprendizagem possui uma denotação epistemológica que deve ser tratada com o máximo de compreensão didática, porque não se trata de cobrar da criança o que ela sabe sobre; é observar e analisar sua atitude e comportamento em relação e a partir do contato com as obras, os textos e as representações, em diferentes formatos didáticos e pedagógicos. Tem-se, assim, que o ensino e a aprendizagem de literatura infantojuvenil são ações de natureza fenomenológica.



A LITERATURA INFANTOJUVENIL E SEU IMPACTO NA FORMAÇÃO DA ESTRUTURA PERSONOLÓGICA INFANTIL

Nenhuma ação pedagógica impacta tanto sobre a psicologia do objeto quanto a literatura infantojuvenil, forçando-a a uma direção desconhecida, a priori, mas que fomenta a construção de um caminho saudável desde o ponto de vista humanístico. A imaginação é o ponto de partida que a criança conhece e que a sua condição de desenvolvimento do pensamento possibilita para que alcance o seu objetivo de interpretar os fenômenos existenciais de forma abstrata.

Cada desafio enfrentado pelos personagens dos contos os induz a uma criação fantasiosa da realidade quanto a possibilidades de superação e quais mecanismos podem ser aplicados neste sentido. A forma como a história é contada é que direciona o pensamento do ouvinte a uma percepção, transformando-se em aprendizagem semântica que, mais tarde, converte-se em aprendizagem epistemológica com caráter pragmático.

A criança vai materializar as formas abstratas de acordo com o nível epistemológico que detenha das coisas e não a partir de uma construção imagética surreal extraída do nada. Há sempre que ter muito claro que, no pensamento e na existência humana não existe o ex nihilo; tudo possui um fundamento e uma caracterização concreta com que se pode fazer comparações ad infinitum.



tum e quanto mais se aprofunda na tentativa de compreender tais assimilações mais se compreende a dimensão heurística sobre a qual se construiu o universo da literatura infantojuvenil.

Foi graças a esta estrutura personológica heurística que as histórias que compõem a literatura infantojuvenil sobreviveram e tornaram-se parte essencial do pensamento e da personalidade humana, contribuindo para que gerações após gerações os mantivessem vivos e ativos; com o cuidado de mantê-los longe de qualquer condição de interpretação racional e, se a esta condição devemos a Brunno Bettelheim (1903-1990), o que desencadeou na sua inserção como parte do currículo oficial, o fato é que jamais deixou de ser uma forma de expressão da emoção e a partir dela se proporcionar mecanismos de construção personológicos que fogem ao entendimento lógico humano.

Neste sentido, Cavallo (2025) vai afirmar que,

O impacto que tem os contos de fadas tradicionais é enorme na cultura (e não somente sobre a psique das crianças, porque a literatura infantil tem a possibilidade de chegar à cultura inteira). Quando somos adultos nos recordamos dos contos em detalhes; no entanto, sabemos que tem um grande impacto na nossa visão de mundo, sobre as expectativas que nutrimos em relação ao mundo e as expectativas que o mundo tem sobre nós (Cavallo, 2025, p. 3).

Trata-se aqui de uma visão dada sobre um reflexo da existência e o que se intenta com ele é encontrar a criança que, por algum motivo é deixada para trás, ao longo da caminhada e da formação personológica humana, que inclui o



caráter epistemológico, sociológico, filosófico, moral e ético. Tudo isto não pode ser dado através da visão do professor e sim, a partir do que a própria criança vá construindo com o apoio deste; com seus esclarecimentos pedagógicos de tal maneira que, ao fim, tenha convicção de que aquilo que toma como leitmotiv para sua existência e seu ser é uma conquista e uma construção sui generis, não o resultado de internalização de regras duras advindas de um mundo que desconhece como foi elaborado e definido muito antes de sua chegada, à força, a ele.

O que se procura esclarecer é que, “as narrativas dos contos de magia e dos contos de fadas são de fato potentes ferramentas formativas. Constroem formas alargadas de legitimar nossas vidas e heranças humanas; portanto, são imprescindíveis para todos nós” (Canton, 2025, p. 65).

Uma vez esta condição compreendida o que se tem de aí por diante são inúmeras possibilidades de elaboração didática, mesmo que esta ação não seja algo tangível e muito menos racional, sendo sempre uma interpretação heurística da realidade e a adaptação do pensamento individual ao escopo coletivo contemporâneo.





DIDÁTICA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Ao se abordar a questão da didática aplicada à literatura infantojuvenil, o que primeiro se tem como leitmotiv é a tentativa de compreender tanto uma como a outra, uma vez que está-se a tratar de dois fenômenos que, ao imbricarem-se permitem uma condição especial de entendimento e de aproximação do que se pode denominar de apropriação da personalidade humana infantil de tal maneira que o ensino da matéria torna-se uma ação que permite transcender o real, adentrando o reino do imaginário, da fantasia e do fantástico.





Para se aplicar a literatura infantojuvenil, com todo o rigor metodológico e com vistas a uma formação personológica integral, tem-se que permitir que os estudantes possam expressar suas capacidades imagéticas, construindo, aos poucos, as suas dimensões de licença poética, ou seja, a liberdade para retratarem os contos ouvidos dos adultos da forma como conseguem compreender, uma vez que suas conexões linguísticas ainda não se encontram formadas em nível que lhes permitam entender as palavras e suas conjunções fonéticas.

Esta condição supra apresentada esclarece que o professor deve estar ciente das situações de ensino e de aprendizagem que pode colocar às crianças, em que busca equilibrar tanto uma coisa quanto a outra; porque como não existem estudos profundos e de longa extensão sobre o tema, utiliza-se de aproximações e de especulações sobre as possibilidades de atuar e obter os melhores resultados. Gregorin Filho (2025, p. 3), esclarece, acerca deste sentido que, “a literatura voltada para crianças e jovens ainda é vista como uma literatura de menor valor por grande parte dos críticos literários, talvez pela sua origem e pela sua associação frequente com os textos de prática pedagógica.”

Posto de lado o preconceito, o fato é que, uma vez que tenha sido inserida no ambiente pedagógico, com um viés didático, sói natural que se procure elaborar estratégias para que possa atender aos interesses da educação como mecanismo sistemático voltado à aprendizagem e à formação do pensamento amplo. Este é o objetivo que se propõe a tratar aqui, sob a intenção de se criar uma metodologia de ensino que torne a literatura infantojuvenil um componente que seja reconhecido como essencial na cadeia de ensino performática da educação infantil.



Muitas questões devem ser apresentadas e discutidas, a fim de que o professor possa atingir os seus objetivos sistemáticos, previamente elaborados, quando da construção de seu plano de ensino. A didática presume aprender a ser; logo, não se trata de se ter domínio sobre o conteúdo com o qual se trabalha; exige-se muito mais que isto, como reações e dissensões entre os personagens que devem ser exploradas, de todas as formas pelo narrador, considerado que a aula não pode manter-se focada na transmissão pura e simples de um conteúdo que é, totalmente, estranho à criança, sob todos os sentidos.

As cenas de enfrentamento, de conflitos, dúvidas e incertezas necessitam ser exploradas de forma dramática, através de muitos gestos e expressões miméticas, porque a criança não sabe, ainda, o significado de raiva, alegria, tristeza; mas, ao ver todos estes sentimentos revelados no rosto e nos gestos de alguém os reconhece e, a partir daí começa a elaborar as suas elucubrações cognitivas, que mais tarde se tornam conceitos cognitivos semânticos. O objetivo, assim, com a prática da narrativa oral, de forma dramatizada é proporcionar um conjunto mnemônico de imagens que permita a criança ligá-la ao sentimento/emoção em si.

Neste processo, se insere que todo o conjunto de voz orquestrada em sintonia com o texto deve ser elaborado, visando a que se aproxime, ao máximo, do sentido semântico da história contada. Para tanto o professor-narrador deve experimentar, com os próprios alunos, qual o tom de voz melhor atende a esta exigência didática; ou seja, não há como deixar prescrito em um manual qual timbre de voz melhor atende a situação, porque esta é uma condição que ele próprio deve desenvolver, junto com as crianças, ouvindo-as quanto à emotividade que elas expressam ou mesmo através de suas reclamações, em que



esta postura jamais pode ser interpretada como uma ofensa ao seu trabalho e sim, uma oportunidade para que melhore a sua práxis até chegar à excelência, sem que isto o defina como algo pronto e acabado; porque cada grupo com o qual atuar terá uma psicologia própria e, o máximo que vai poder aproveitar de seu aprendizado é que cada grupo de crianças, ouvindo os mesmos relatos e histórias maravilhosas apresentarão exigências *sui generis* e ele terá que recomençar a cada ano, reinventando a sua didática e suas intervenções; até mesmo a sua forma de dramatizar a vida, a existência e o pensamento dos personagens; porque a dinâmica da literatura infantojuvenil, é exatamente esta, a sua capacidade de permitir a interpretação do mundo no qual a criança está inserida de maneira fidedigna, porque esta condição se dá no espaço cognitivo sob condições pré-conscientes e/ou inconscientes.

A BNCC (2025) esclarece que a Literatura Infantil pode ser vista, interpretada e compreendida como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura. Este é um dos objetivos finais que lhe compete, como uma forma de recordação de momentos em que se podia ir além do que estava dado e definido, ou seja, proporcionava uma condição de liberdade para traduzir aquilo que os sentidos captavam da forma mais heurística possível.

A literatura infantojuvenil tornou-se tão poderosa, ao longo dos séculos, tornando-se algo fusional ao próprio ser humano e de tal maneira que pode-se compreendê-la como parte essencial de seu desenvolvimento filogenético. A BNCC (2025), acerca disto, reitera que,

Para que se possa entender, da maneira mais clara possível, a importância dessa literatura na formação do ser humano, faz-se ne-



cessário olhar para a variedade de textos que a compõem: fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, parlendas, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos. Temos, assim, um rico material repleto de histórias, memórias, diversidade cultural, fantasia, encantamento e valores humanos (Brasil, 2025, p. 3).

Assim que, toda a didática da literatura infantojuvenil está fundamentada sob uma condição heurística em que a emoção é quem dita todas as regras e, se em algum momento a razão deve fazer-se soberana, necessita estar atravessada pela sensibilidade; porque a criança não consegue determinar a sua capacidade de assimilação dos conteúdos por nenhum outro caminho que não seja o da afetividade, sentimento que traduz como segurança e na elaboração de tal processo de entendimento dos desafios humanos, torna-se mais madura e atenta aos riscos que a existência proporciona.

Assim que, para lecionar a matéria supracitada há que procurar sintetizar a perfeita harmonia entre o objetivo do texto e a psicologia do objeto, considerando que a intenção da criança com a história não é tirar nenhuma lição ou entendimento; a ela basta a expressão de carinho que recebe por parte do adulto e a forma como processa tudo isto em seu mundo interior, para que possa manter como lembrança agradável, quando for adulta. Esta é uma questão complexa, interessante e intrigante desde o ponto de vista metodológico, porque os caminhos utilizados para que as crianças internalizem os procedimentos e conteúdos que fazem parte das histórias fantásticas são desconheci-



dos aos indivíduos que não procuram fazer o caminho para dentro de seus respectivos mundos intrínsecos e compreender o que sentiram e como sentiram em suas próprias infâncias ao serem atravessados pelos contos pertencentes ao escopo da literatura infantojuvenil.

Esta sensibilidade é algo que o professor deve conquistar, para que possa aproximar-se da excelência na condição de docente de literatura infantojuvenil, porque ao dedicar-se a explanar o assunto, terá que fazer este caminho desconhecido e estranho junto com seus alunos, sem saber que caminhos eles estão seguindo, que construções cognitivas estão a fazer; mas, ao aprofundar em sintonia com seu ego, pode deduzir todo o processo a partir da análise de seu desempenho e de sua transformação heurística.

A criança capta o que o mundo à sua volta oferece como objeto pacífico de interpretação da realidade e o transforma através de sua subjetividade e, uma vez esta construção realizada, manifesta-o, na expectativa de que seja aceito e, para sua angustia, não o é e vê-se obrigado a guardar a sua frustração somente para si mesmo. Assim que, através dos contos maravilhosos estas pequenas criaturas indefesas diante de um universo que lhes é hostil e violento, podem criar um mundo onde as coisas são criadas dentro de seu espectro de compreensão e domínio cognitivo, intelectual e semântico.

É, exatamente, por este motivo que as colocações dos adultos, ao contar as histórias, deve ser no plano do mais abstrato possível, algo como *‘era uma vez...’*; *‘um reino distante...’*; *‘uma casa muito engraçada...’* (Vinícius de Moraes, 1913-1980); *‘uma princesa muito bonita...’*; *‘uma rainha muito má...’*; *‘um príncipe encantado...’*; *‘uma bruxa muito feia...’*; *‘uma noite muito escura...’*. Com estas



condições de incertezas, de não determinação, tem-se espaço aberto para que as crianças preencham tais lacunas epistêmicas com aqueles elementos humanos que conhece e pelos quais nutre os mais diversos sentimentos e emoções, tanto positivas quanto negativas.

A BNCC (2025) reafirma tudo o que foi citado e transcrito acima, como mecanismos didáticos aplicados no ensino de literatura infantil, destacando que,

Ler ou contar histórias vai muito além do que simplesmente dizer as palavras de um texto escrito ou oral. A narração, seja ela feita de memória ou lida, precisa mostrar que quem narra entende que uma história não é feita apenas de palavras escritas, mas de imagens articuladas numa narrativa capazes de nos transportar para outros mundos. Essas palavras precisam soar, pois o componente sonoro da narração é fundamental – é necessário ter cadência e fluência. Para isso, devemos sempre nos preparar para uma narração: primeiro leia o livro ou ensaie a história em voz alta. Gravar-se e ouvir-se, antes dessa partilha com os alunos, pode ajudar muito. Incentivar que os alunos depois façam o mesmo para se apresentarem para a sala, num sarau ou roda de leitura, também pode mostrar para eles o quanto ler e contar são habilidades que precisam ser exercitadas como qualquer outra (Brasil, 2025, p. 4).

A citação referenciada esclarece, ademais que o professor precisa dedicar-se ao exercício do ensino de literatura infantojuvenil, porque a sua práxis vai muito além de conhecimentos sobre os personagens, a temporalidade, a técnica em si e o desenvolvimento intelecto-epistêmico da ação didática em si. Esta relação de reciprocidade e simultaneidade que define a práxis (Caniçali e



Souza, 2024), no caso da literatura aqui abordada faz referência à condição de ser e de existir, ser para fora enquanto viaja para dentro de si, na expectativa de encontrar-se com a criança que mantém escondida em seu mundo intrínseco.

Nietzsche (1844-1900), afirma que todo adulto esconde dentro de si uma criança que deseja brincar. Talvez a literatura infantojuvenil seja a oportunidade perdida que todos andam procurando; mas, que poucos ousam enfrentar o desafio da transformação que ela exige para que se possa mostrar-se digno de ensiná-la e, quem vai fazer o reconhecimento não é ninguém menos que as próprias crianças. Não basta ser bom naquilo que faz; é preciso ser humano, demasiado humano, na tarefa de ensiná-la; desafio que atravessa a existência e o ser, ao mesmo tempo.

O reconhecimento da literatura como um objeto capaz de transpor e transformar a essência humana é algo que se perde nas areias do tempo e, por mais que queira reduzi-la a um formato engessado, com regras canônicas criadas com interesses escusos, ela própria se recusa a aceitar e convence o indivíduo que a recebe a não aceitar os ditames autoritários programáticos. O seu perfil é de construção de uma miríade de sentimentos que levam o ser humano a um local que não consegue distinguir; mas, estranhamente, sabe que o já visitou em algum momento e, tudo isto se trata de uma reminiscência infantil criada através das histórias maravilhosas que costumava escutar de algum adulto querido.

O ideal de didática que se presume a alcançar é este que agora se destaca, o ponto em que a literatura infantojuvenil eleva o aluno a um estágio sublime de compreensão do que lhe é inferido através da leitura ou da escuta dos con-



tos maravilhosos. Não lhe interessa se tudo aquilo é realidade ou invenção de alguém; em seu pensamento, determina como sendo uma construção imagética e que as palavras proferidas pelo personagem antes de sua morte, através de um discurso heroico representam a marca de uma existência e uma mensagem que ecoa no tempo.

Durante a encenação da peça, o príncipe que vem montado em um cavalo garboso, saltita sobre um cabo de vassouras; mas, ninguém ri desta sua condição, porque todos, até mesmo os adultos que assistem à representação teatral o veem sobre um elegante corcel branco, tal qual descreve o narrador. Será que é este que detém poder mágico através de suas palavras? Certamente que não; sendo assim, o que faz com que todos os presentes sejam inebriados de tal forma que se deixem convencer daquela miragem fantástica?

A BNCC (2025) orienta no sentido de que, se o professor quiser ampliar ainda mais o leque de possibilidades de recursos lúdicos mnemônicos para narrar histórias poderá pesquisar sobre o uso e confecção de aventais ou tapetes para contação; teatro de sombras, de fantoches, de marionetes e de dedoches. Todos estes aparatos podem ser transformados em desenvolvimento pedagógico cognitivo intelectual semântico, se aplicado de forma coerente com o que se intenta ao final de um longo processo didático de formação da estrutura personológica da criança.

Assim que,

Propor aos alunos que eles próprios recontem as histórias escutadas nas rodas em forma de teatro – seja o clássico com cenários, falas memorizadas e figurinos ou estes últimos citados – permite



que as crianças se apropriem, de maneira crítica e imaginativa, dos conteúdos históricos, sociais e culturais presentes nos textos literários infantis (Brasil, 2025, p. 5).

Com isto, se procura trabalhar a estética (αισθητική) a paixão pelo ideal, a busca pelo que não pode ser alcançado jamais; porém, na ânsia de encontrá-lo, silenciosamente, através das histórias, aperfeiçoa-se a cada movimento o que se tem ao alcance das mãos. Isto faz com que a literatura seja um espaço da existência humana que não pode ser interpretada, traduzida, reduzida a nada; logo incompreensível, porque somente pode ser vislumbra-da em sua totalidade e o pensamento humano que a consegue decifrar está fora do alcance da consciência.

Assim que, ao se pensar uma didática para a literatura infantojuvenil, o que se prepara é uma forma de domínio sobre o conteúdo a partir do conhecimento sobre como pensa e age aquele que irá receber a mensagem direta do objeto expresso. Conhecimento epistêmico neste campo vai sendo produzido e acumulado de tal forma que apenas quem executa a tarefa passa a ter expertise sobre o tema; não é como buscar em manuais e seguir à risca para apresentar os resultados esperados satisfatórios. Ao fim, o que se tem, como resposta dos alunos, quanto à aprendizagem é a observação da mudança de comportamento.

A literatura infantojuvenil deve ser oferecida como objeto de aprendizagem de tal forma que ela e o estudante se confundam em suas ações conflituosas, mesmo que isto não seja percebido por quem quer que seja; por vezes,



nem por ele mesmo. O interesse com o seu ensino e estudo é provocar e desafiar o pensamento à provocação e aos desafios daquele que se desconhece, partindo do argumento de Morin, de que

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constituiu-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior (Morin, 2000, p. 20-1).

Isto já induz a analisar a ação didática do ensino de literatura infantojuvenil desde um ponto de vista em que, por mais que o professor ou qualquer outro indivíduo que esteja na expectativa de compreender o que se passa no mundo intrínseco da criança, o que se tem são apenas conjecturas desprovidas de qualquer possibilidade de comprovação científica. Este detalhe semântico-fenomenológico vinculado à referida atividade didática não diminui seu valor pedagógico; apenas sobreleva a necessidade de que a ação e a intervenção sejam realizadas da forma mais dinâmica possível, atento a cada detalhe que as crianças venham auferir como resposta objetiva e/ou subjetiva.

Esta conjectura se deve porque,

Os contos de fadas não apenas ensinam às crianças lições sobre a vida, o amor e si mesmas, mas também podem promover re-



flexões sobre a sociedade, seus valores, sua ética, seus modos de operar. Há toda uma gama de operações de sentido que expandem o valor do aprendizado de ouvir e ler histórias, dependendo das singularidades de cada vida que as recebe (Canton, 2025, p. 59).

A dimensão heurística com que se envolve a didática da literatura infantojuvenil permite ao professor criar estratégias em consonância com seus alunos e de tal forma que, ao final da atividade já não se torna possível saber a quem, de fato, se insere o mérito de criar mecanismos de interpretação dos textos maravilhosos. Em uma turma pode-se ouvir um sem fim de histórias fantásticas envolvendo os animais de estimação de cada criança e, a um primeiro momento, tem-se que foi criação de seus próprios processos cognitivos independentes; mas, ao se aprofundar na análise e na interpretação de suas narrativas, observa-se os elementos que foram trazidos por suas memórias, ainda que não se deem conta da proximidade e similaridade com os personagens das histórias compartilhadas com seus colegas e professores.

Da mesma forma, vão categorizando os indivíduos de sua convivência em consonância com os sentimentos expressos pelos personagens das histórias infantis, dos contos e das leituras e/ou narrativas que ouve na escola. De forma sutil e silenciosa, aquilo que se ouve vai ajudando a construir o mundo que a criança vive e a dar forma ao universo que dominará.



ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA INFANTOJUVENIL PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao se pensar mecanismos metodológicos para promover o ensino e a aprendizagem de literatura infantojuvenil, tem-se que recorrer a diversas formas de ação e de intervenção, porque não se trata de uma matéria sobre a qual se detém um modelo didático a partir do qual se pode criar e inovar. Destaca-se que, a condição de abordagem se torna elemento meticuloso no processo, analisando desde a linguagem utilizada até o tom de voz a ser aplicado na atuação com as crianças. Nunes (2018) orienta no sentido de que,

A forma de se dirigir ao leitor pode ocorrer de várias maneiras. Há dois aspectos importantes a considerar: um didático e outro pedagógico. O didático vincula-se ao esforço que o autor do texto faz para torná-lo compreensível. Trabalha-se de tal maneira que todos os meios que favoreçam entendimento do leitor e a legibilidade do texto devem ser usados. Neste sentido, também se leva em conta possíveis objeções que poderia ocorrer por parte do leitor. Articulada à primeira, temos a função pedagógica, que visa uma identificação do leitor com as convicções que o autor expõe. O que se pretende é uma conversão do leitor, uma mudança em



suas representações, com um discurso que para ele possa tornar-se significativo. Essas considerações não apenas devemos levar em conta no nosso processo de leitura, mas também em nossa atividade (NUNES, 2018, p. 18).

O que o autor procura esclarecer é que, nenhuma ação docente se dá de forma isolada das funções didáticas e pedagógicas, em que através da primeira, tem-se a pretensão de proporcionar o acesso ao máximo volume de informações disponíveis, aprofundar o conhecimento em torno do objeto-alvo de exploração epistemológica e, no segundo, procura-se induzir uma formação integral do ser. Tem-se aí, uma dupla intencionalidade através de uma única ação humana, demasiado humana.

Fundamentado neste pensamento, abaixo, segue diretrizes didáticas, que foram pensadas com o intuito de nortear a condução da prática pedagógica do ensino de literatura infantojuvenil para alunos do Ensino Fundamental quanto à intencionalidade, que é a aprendizagem sistemática, dinâmica e pragmática:

A INTRODUÇÃO DA MATÉRIA NA AULA

Este é um ponto essencial de se analisar, porque não se está falando de uma matéria que sua avaliação de aprendizagem possa se dar a partir de instrumentos e elementos tangíveis, destacando que o interesse com a Literatura Infantojuvenil na educação é, estritamente, pedagógico, embora se siga um padrão didático, no sentido literal do pensamento. Assim que, a introdução do estudante no conteúdo deve ser de tal forma que ele se sinta imerso no uni-



verso do conto ou da história em si, não como a receber uma leitura que deve aguardar detalhes em sua memória, a fim de conseguir notas efetivas.

O objetivo desta apresentação deve ser de tal forma que se crie um ambiente fantástico e aberto à imaginação; deixando livre o pensamento para que o aluno crie os personagens e o ambiente de vivência destes de acordo com sua vontade deliberada e nível epistêmico, este que é regido pela sua carga de experiência heurística.

A APRESENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS AOS ALUNOS

A forma como determinado conteúdo é posto à disposição dos estudantes, em sala de aula, por vezes, determina o seu mais esplêndido sucesso ou o seu mais iminente fracasso didático e pedagógico. Histórias infantis [e mesmo a literatura em geral] devem ser apresentadas carregadas do mais intenso entusiasmo, impregnadas de paixão, fazendo jogos de cena, perguntando-lhes se já conhecem a história, os personagens, o local onde se passa, o que motivou a ação, entre outras coisas, como parte de uma retórica didática, inserindo os estudantes nas cenas que virão.





O interesse é produzir um clímax e provocar o vislumbre na forma de expectativa pela história que virá a seguir, provocando situações em que as crianças se perguntem como os personagens conseguirão superar os desafios; ou seja, na cena mais emocionante, o professor deve fazer um corte e anunciar que, somente, irá terminar a história, em outro momento, em especial, no dia seguinte, dando tempo para que a curiosidade e a imaginação da criança se apresente como inquietações, fazendo com que seja instigada a superar o desafio posto em silêncio e estrategicamente, pela ação didática.

A CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA HISTÓRIA

Esta é uma prática muito importante, porque como o cérebro infantil e mesmo pré-adolescente ainda não se encontra, completamente, desenvolvido; portanto, suas interpretações do mundo são sempre projeções a partir e sobre aquilo que conhece de fato; ou seja, mesmo que nomeie coisas e lugares de forma, aparentemente, autônomas, todos os recursos que utiliza são modificações do mundo real, adaptadas ao seu alcance epistemológico.

Por isto, é importante que o docente apresente a história e os personagens se passando em um reino distante, em um paraíso, no céu, em terras distantes, sem determinar a localização geográfica dos elementos e dos acontecimentos. Esta contextualização deve ser de tal forma que seja tão abstrata que o estudante tenha que materializá-la em algum ponto de seu domínio imagético intrínseco.

Assim deve proceder, pelo fato de que a materialização geográfica, estritamente, abstrata da história é uma estratégia que o professor utiliza para forçar os estudantes a criarem seu universo e a situar os personagens nele.



A criança não pode perceber que está sendo induzida a um mecanismo de formação do pensamento, porque isto provocaria sua ira e abandonaria o projeto. A abordagem didática, neste espaço, deve-se dar de forma a que se tudo aconteça da maneira mais natural possível.

A CONTEXTUALIZAÇÃO CRONOLÓGICA DA HISTÓRIA

Esta ação didática é relevante, porque crianças, em especial e, mesmo pré-adolescentes não conseguem determinar noções de tempo, devendo expressar as ações como ocorrendo *há muito tempo...*; *era uma vez...*; *quando os animais ainda falavam...*, condições abstratas de temporalidade, porque como elas ainda são dominadas por pensamentos e sentimentos inconscientes, a percepção real do momento em que as coisas acontecem não lhes faz qualquer sentido lógico.

Um esclarecimento é que o inconsciente humano desconhece a noção e a condição de tempo em que a humanidade foi submetida à forças e, as crianças são a representação mais fiel da espécie humana pré-histórica. Assim que, quando o professor vai lecionar Literatura InfantoJuvenil para crianças e pré-adolescentes, seu público-alvo são criaturas que processam as suas palavras em uma dimensão completamente diferente daquela na qual se situa, logicamente.

Todo o pensamento da criança é dominado pela heurística, ou seja, o que para ela é caracterizado pela lógica, não passa de determinações carregadas de emoção e entendimento criados a partir de seus próprios conhecimentos e condições intrínsecas de interpretação da realidade.



A ABORDAGEM DO PROFESSOR QUANTO À DIMENSÃO PEDAGÓGICA OU DIDÁTICA

Esta parece ser uma pergunta sem sentido de ser; porque durante todo o tempo apresenta-se a relevância didático-pedagógica da Literatura Infantojuvenil e, de repente, coloca-se como se houvesse uma cisão, uma ruptura entre uma ação e outra. Ocorre que, o trabalho do professor será sempre de ordem didática, porque seu interesse é o ensino da matéria; a ação do estudante será sempre marcada pela ordem pedagógica, porque o seu interesse [ao menos em tese] é a aprendizagem da matéria.

No caso específico do tema-alvo deste livro, o que se espera é que o docente procure despertar o máximo de interesse pela internalização da história; por este motivo, conduzindo-a a uma dimensão poética, fantasiosa da ação e não já dizendo que devem ler com a devida atenção, porque será cobrado na avaliação; terá valor agregado à nota.

Esta disposição draconiana e viboresca já mata qualquer sentimento de paixão que se pudesse formar ao longo da atividade didática; mas, que a criança absorve como pedagógica, i.e., como parte essencial da formação de seu ser.

DOMÍNIO EPISTÊMICO E COGNITIVO DA MATÉRIA

Muito mais importante que gostar de Literatura Infantojuvenil é ter domínio do assunto; porque, do contrário, o professor começa a atribuir critérios de valor admoestativo ou moralístico a obras cujo juízo de valor deva ser atribuído, de maneira exclusiva e única, pelos próprios estudantes; mesmo que



não saibam a dimensão do significado de tal coisa. O ensino da matéria a qual trata-se aqui é uma exigência delicada, extremamente complicada e sutil.

O professor deve conhecer tudo o que for possível sobre a obra e o autor que irá apresentar aos alunos, como origem, locais onde viveu, traumas, desafios, onde estudou, o que o fez escolher aquele caminho lúdico. Mesmo que isto não interesse às crianças e nem faça parte de suas buscas, o que marca é a possibilidade de que inferências possam ser realizadas de modo objetivo quando se fizerem possíveis ou necessárias.

USO DE TEXTOS CLÁSSICOS NAS AULAS

É impossível desejar ensinar Literatura Infantojuvenil desprezando os textos clássicos e até mesmo fazendo alusões a outros que compõem o universo literário infantil. A observação aqui é pelo fato de que, tem professores que utilizam textos de literatura clássica adulta, imaginando que, com isto, está estimulando o contato com outros tipos de estrutura literária. Isto demonstra que o professor não sabe nada do assunto e, muito menos ainda, sobre desenvolvimento cognitivo infantojuvenil.

Através da própria convivência social das crianças elas vão sendo apresentadas a outros tipos de textos mais complexos e que, o convívio lhes impulsionam a curiosidade, cabendo ao professor o mero trabalho de levá-los à biblioteca. Este é o dinamismo pedagógico da Literatura Infantojuvenil; ela desperta o prazer, o encanto, o vislumbre, o maravilhamento, o entusiasmo pela leitura e, aos poucos, esta paixão expressa induz à construção de uma rede epistemológica produzida pelos próprios estudantes.



Um clássico é um texto que sobreviveu ao tempo; que atravessou dimensões que estão para além do homem, em sua finitude e capacidade limitada de compreensão dos elementos fenomenológicos que compõem a existência da natureza e do ser humano e como ele ‘se’ interpreta em meio a este universo semântico que ele mesmo criou, utilizando a linguagem para interpretá-lo dentro e a partir de seu escopo epistemológico.

A AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO À MATÉRIA

Esta é uma questão muito delicada, porque se o interesse é com a formação pedagógica da criança e não, necessariamente, com o conhecimento erudito que ela possa apresentar, como avaliar a aprendizagem da Literatura Infantojuvenil? Existem muitas formas de se aproximar disto, v.g., pedindo a elas que contem a história ou um trecho [pedaço] dela. Relate a parte que mais gostou... Qual parte achou mais engraçada e o porquê? Há que esclarecer que, quando se refere à avaliação, o sentido é abstrato, adaptado à idade-série dos estudantes.

As dramatizações são a melhor forma de avaliação a que se pode aplicar sobre esta matéria; porque, neste processo tem-se a oportunidade de verificar todo um enredo cérebro-cinestésico, em que a criança se despoja de seus meios de expressar; considerando que pode adentrar ao seu mundo e deixar que os outros realizem uma leitura do que ela apresenta, interpretando o seu comportamento; ou seja, utiliza uma linguagem que necessita ser analisada. Com isto, ela se transforma no professor-autor da peça e não mais parte da peça.



ABORDAGEM EM CONSONÂNCIA COM A IDADE-SÉRIE

Esta aqui é a parte mais sensível da práxis pedagógica no que se refere ao ensino e aprendizagem da Literatura Infantojuvenil. A escolha da abordagem, a escolha dos textos, o método de trabalho; v.g., nem todo texto de carácter infantil é para ser lido pelos estudantes e isto apresenta dois paralelos: o primeiro é que, a linguagem pode ser complexa demais para a idade e o nível de desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças, o que as fariam lê-lo sem motivação ou paixão.

O segundo é que, como está-se falando de crianças, em idade na qual são muito próximos dos pais, e a escola tomou parte da tutela da família, em que os professores tornaram-se substitutos [quase diretos] destes, as crianças, em várias situações querem que as histórias sejam lidas para elas, com alguns tendo a liberdade até de dormir enquanto as ouvem, exatamente, porque este é um comportamento filogenético, antropológico.

Nesta questão da idade-série, insere a condição de que a linguagem a ser utilizada é muito relevante para o entendimento, a assimilação e a acomodação dos conteúdos das histórias. Exige-se um cuidado minucioso, porque é um tema para o qual ainda não se tem estudos que sirvam de base fundamental para a comparação do que se está propondo e apresentando aqui, neste ensaio, em formato de livro didático.



CONCLUSÃO

A discussão em torno de uma didática para o ensino de literatura infantojuvenil é uma tema clássico e contemporâneo, o que faz dele, um paradoxo moderno para o qual se desconhece uma solução à altura de sua exigência. Assim que, o que se intentou aqui foi apresentar diretrizes que podem ser direcionadas no sentido de auxiliar aos profissionais que dedicam ao ensino da matéria.

Dentre o que se destacou como possibilidades de trabalho elenca-se a necessidade de gostar do assunto, em primeira instância, de ter paixão pela leitura dos textos clássicos, de se ser um estudioso de didática e de literatura, de forma geral, destacadamente da literatura infantojuvenil e, de buscar realizar estudos empíricos utilizando os próprios textos e ouvintes para se aproximar de uma compreensão sobre como este público reage ao entretenimento de contação de histórias, procurando dramatizá-las de tal forma que se possa despertar sentimentos que não podem ser expressos.

A razão de se realizar a maioria dos conflitos e processos dinâmicos e semânticos em nível pré-consciente e inconsciente, a didática da literatura infantojuvenil continua sendo uma atividade que deve ser realizada com muito cuidado e esmero quanto ao seu trato dimensional; porque aquilo que se espera é um resultado de longo prazo e uma transformação heurística, em que não pese a lógica sobre quaisquer dimensões humanas ou supra-humanas.



As atividades propostas neste ensaio, em formato e-book, dão a dimensão de complexidade acerca do que se trata em relação ao objeto-alvo de estudos sistemáticos até aqui empreendidos. Não se trata de ter domínio sobre a técnica ou de proporcionar aprendizagem aos alunos através da literatura infantojuvenil ou de seu uso como um recurso didático. Ela própria possui e expressa sua condição filogenética e fenomenológica em tal nível de construção epistemológica que torna-se, per se, uma condição didática autônoma auto definida. Após este entendimento metodológico, o que cabe aos partícipes da atividade é aprender com ela como aprender literatura infantojuvenil.



REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

BRASIL. **Literatura infantil**: reflexões e práticas. Base Nacional Comum Curricular. [2025]. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/implimentacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio/203-literatura-infantil-reflexoes-e-praticas>. Acesso em 27 de outubro de 2025.

CANIÇALI, M. N. S. d'A.; SOUZA, S. R. El lugar docente como fundamento epistemológico de la praxis pedagógica en la Era TIC. **Anais CIET**: Horizonte, São Carlos-SP, v. 4, n. 1, 2024. Disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/1043..> Acesso em: 4 mar. 2025.

CANTON, K. **Contos de fadas**: Modos de ser e de usar: educação, arte, psicanálise. Lisboa: Panda Educação, 2025.

CAVALLO, F. L. **Meninas nos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 2025.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **A Psicanálise na Terra do Nunca**. Porto Alegre: Penso, 2011.



FRANZ, M.-L. V. **Puer aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância.** São Paulo: Paulus Editora, 1992.

FREUD, S. [1917-1920]. Além do princípio do prazer. In: **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos.** Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 28-9.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura infantil: um olhar sobre o ensino e a pesquisa.** São Paulo: FFLCH – USP, 2025.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 20-21.

NUNES, A. V. **Metodologia da pesquisa educacional** [recurso eletrônico]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018.



AS AUTORAS

ANA PAULA SILVA DOS SANTOS RAMALHO

Profissional com sólida base teórica e experiência prática no campo da educação. Detentora de uma licenciatura plena em Pedagogia pela Faculdade Metropolitana de Santos (UNIMES) e em Educação Especial pela (FAVENI), demonstrando um compromisso intrínseco com a inclusão educacional e a diversidade no processo de ensino-aprendizagem. Atualmente, encontra-se em fase de aprimoramento contínuo e produção científica como Mestranda no Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), onde desenvolve pesquisa acadêmica com vistas a contribuir para o avanço das discussões e práticas no setor educacional. Sua trajetória é marcada pela busca constante pela excelência pedagógica e pela intervenção qualificada nos diferentes contextos educacionais, experiencia como Pedagoga e atualmente atuando como Professora para o Atendimento Educacional Especializado para área de Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista (TEA).





IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

Pós-Doutorado em Educação. Doutorado e Mestrado em Letras. Especialização em Marketing. Licenciada em Pedagogia e Graduada em Jornalismo. Experiência na coordenação de projetos educacionais. Atua pontualmente como Orientadora do Mestrado em Educação,



Ciência e Tecnologia do Centro Universitário Vale do Cricaré (FVC) desde junho de 2017, orientando projetos de Educação e Comunicação. Autora do livro de ensaio, lançado com apoio da Secretaria de Estado da Cultura “A indústria criativa da literatura infantil no Espírito Santo”. Tem se dedicado a projetos de pesquisa na promoção da leitura e de acessibilidade à literatura infantil do Espírito Santo, formando educadores em espaços formais não formais a desenvolverem a compreensão leitora, a capacidade de leitura literária autônoma e o gosto pela literatura, sobretudo a regional, por meio de suas Oficinas de Estratégias de Leitura com a Literatura Infantil do Espírito Santo. É idealizadora e coordenadora de projetos educativos na Muqueca Editorial.



ISBN: 978-65-6013-172-9



DIÁLOGO
EDITORIAL

